

Universidades podem cobrar o passaporte da vacina, decide Supremo

Amostras de pacientes britânicos mortos pela doença revelam que o coronavírus altera ambiente gastrointestinal, desregulando uma importante estratégia de defesa do organismo. Descoberta pode levar a tratamentos mais efetivos

Covid afeta microbiota

Na forma grave, a covid-19 pode causar malefícios à microbiota humana, segundo uma pesquisa inglesa. No estudo, publicado na última edição da revista *Frontiers in Immunology*, os especialistas analisaram amostras do intestino de pacientes que morreram devido ao novo coronavírus e constataram o impacto da infecção no sistema imunológico do órgão. Os especialistas acreditam que os dados vistos podem, futuramente, servir como base para o desenvolvimento de novas estratégias de combate ao micro-organismo.

“Embora a disfunção respiratória seja o sintoma mais comum do novo coronavírus, foram identificados, em muitos pacientes, problemas envolvendo o trato gastrointestinal, incluindo vômitos e diarreia”, justificaram os autores, no estudo. “Além disso, o RNA viral foi encontrado em amostras de fezes de muitos doentes, o que nos fez acreditar que esse patógeno poderia causar danos aos microrganismos que compõem o intestino.”

Para esclarecer essa questão, os pesquisadores analisaram amostras do trato gastrointestinal de nove pacientes (sete homens e duas mulheres) que morreram após serem diagnosticados com covid-19 durante a primeira onda da pandemia no Reino Unido. Eles observaram que o sistema responsável por regular a composição das comunidades microbianas — também conhecido como placa de Peyer — sofreu desequilíbrio no organismo dessas pessoas.

Os cientistas explicam que os folículos linfóides que compõem a placa de Peyer e que revestem todo o intestino delgado sofreram uma série de alterações nos pacientes analisados. De acordo com os pesquisadores, essas mudanças observadas são extremamente relevantes, já que os folículos são responsáveis pela produção de células de defesa do corpo. “Essas células são produtoras de anticorpos, e o desequilíbrio visualizado podem ter

atrapalhado, nos pacientes que morreram de covid, a resposta de defesa do organismo”, detalharam os autores.

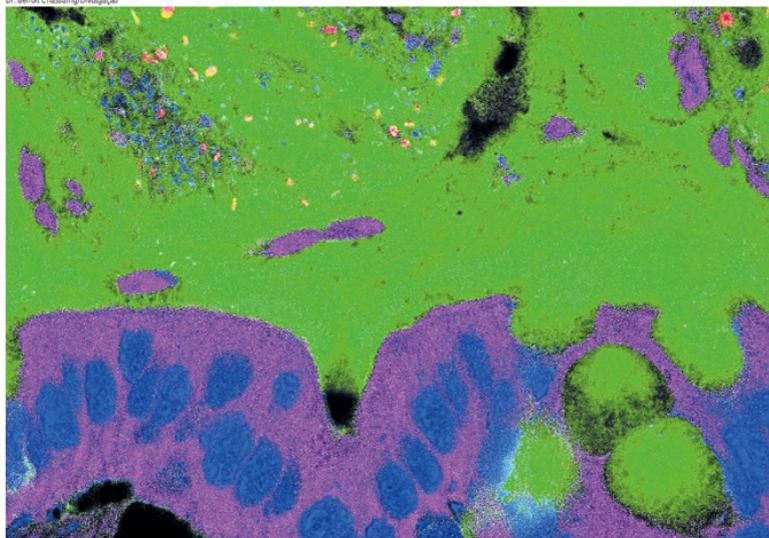
Os pesquisadores explicam que essa baixa imunidade local pode reduzir a diversidade microbiana, um problema de saúde conhecido como disbiose, que é prejudicial ao equilíbrio do organismo. “O estudo mostra que, na covid-19 grave, a função desse componente-chave do sistema imunológico é interrompida, independentemente da presença do Sars-CoV-2 no intestino, o que demonstra a força da infecção no organismo humano”, explicou Jo Spencer, pesquisador do Kings College London, no Reino Unido, um dos autores do estudo.

Vacina

Os cientistas também destacam que as descobertas sugerem que o uso de vacinas orais para o coronavírus pode não ser uma boa estratégia, já que, caso o paciente esteja doente, seu sistema imunológico do intestino pode estar comprometido. “Uma vez que a imunidade do intestino está comprometida, isso indica que o órgão não teria a capacidade de montar uma resposta de defesa eficiente, e os imunizantes não gerariam o efeito esperado”, detalharam.

Segundo os especialistas, novas análises são necessárias, já que o número de avaliados no estudo foi pequeno, mas eles acreditam que os dados observados na pesquisa podem contribuir para o desenvolvimento de estratégias que ajudem a tratar o novo coronavírus com mais eficácia. “Nossa amostra é bem reduzida, mas os dados, provavelmente, devem ser semelhantes aos de outros pacientes que tiveram covid-19 e apresentaram sintomas intestinais diversos”, detalhou Spencer. “No futuro, será importante entender os fatores que impulsionam essa desregulação de bactérias em respostas inflamatórias graves para conseguirmos entender como driblar esses danos gerado pelo patógeno.”

Dr Benoit Chassaing/Olivier Jacquot



No bioma intestinal saudável, as bactérias ajudam a proteger contra invasores, como o Sars-CoV-2

Antibióticos prejudicam bebês

O uso de antibióticos durante a primeira semana de vida pode afetar negativamente a microbiota de bebês. A descoberta foi feita por cientistas da Universidade de Edimburgo, na Escócia, que avaliaram 227 recém-nascidos, com o objetivo de entender como essa classe de medicamento impacta o organismo das crianças. Os dados foram apresentados na última edição da revista *Nature Communications*.

No estudo, cerca de 147 crianças com suspeita de sepsis receberam um dos três tratamentos antibióticos padrão. Os resultados foram comparados com os de 80 bebês sem suspeita de infecções, que não tomaram os medicamentos. Todos os

analisados tiveram uma amostra retal ou fecal colhida antes e após a terapia, em três momentos: com 1, 4 e 12 meses de idade.

Alimentação

Por meio das análises, os especialistas constataram que os recém-nascidos que receberam antibióticos prescritos apresentaram uma diminuição significativa nos níveis de diferentes espécies da bactéria *Bifidobacterium*, em comparação com bebês que não fizeram uso dos medicamentos. “Esses microrganismos auxiliam na digestão do

leite materno humano e promovem a saúde intestinal, além de apoiar a defesa imunológica contra infecções, o que nos acende um alerta de preocupação”, detalharam os autores, no trabalho.

A equipe também encontrou um aumento nas bactérias potencialmente causadoras de doenças e no número de genes relacionados à resistência antimicrobiana no grupo que recebeu antibióticos. Ao longo do tempo, os cientistas constataram uma recuperação das alterações vistas nas crianças que tomaram o medicamento, mas as

mudanças no microbioma e nos genes de resistência antimicrobiana persistiram por pelo menos 12 meses, não melhorando com a amamentação, que é conhecida por ajudar o sistema imunológico do bebê.

“Ficamos surpresos com a magnitude e a duração dos efeitos dos antibióticos. Isso, provavelmente, ocorre porque o tratamento com esses medicamentos é administrado no momento em que os bebês acabaram de receber seus primeiros micróbios herdados da mãe, e ainda não desenvolveram um microbioma resiliente”, declarou Debby Bogaert, pesquisadora da Universidade de Edimburgo e um dos autores do estudo.



Segundo a secretaria de Saúde, esta faixa etária ainda será vacinada uma terceira vez. O índice de contaminação no DF caiu para 0,98, indicando controle da pandemia. Mas, a taxa de ocupação de UTIs pediátricas é de 100%

Nova dose para crianças de 6 anos

• RAFAELA MARTINS
• ANA LUISA BARRO
• FÁBIO MARTINS

A vacina de mRNA, que foi desenvolvida há pelo menos 30 meses, recebeu o aval da comunidade científica para ser aplicada em crianças de 6 anos, segundo o Conselho de Saúde do DF. A decisão foi confirmada em reunião de imprensa, realizada pelo Secretário de Saúde do DF, Marcelo Luiz Pádua, em 18 de fevereiro.



Quase 130 mil crianças de 5 a 11 anos já foram vacinadas no Distrito Federal



postos para cerca de 18, milhões. No total, o total de infectados chegou a 47,8 mil. Desde o início da pandemia, a SES contabiliza que mais de 300 mil são casos de DF, 30 mil de Goiás. Total de casos: 29 milhões em investigação.

Mévia Móvet

A secretaria contabiliza mais 16 milhões em diagnósticos de covid-19.

O novo estudo também confirma o alto risco masculino. Segundo a Organização Mundial da Saúde, todos os países têm uma taxa de mortalidade de 18% em homens e 14% em mulheres. De acordo com o estudo, a taxa de mortalidade em homens é de 20% e em mulheres de 14%.

Vacínometro

80,65% da população total vacinada com a primeira dose
73,99% da população total com a 2ª dose
874.552 doses de reforço aplicadas
129.732 crianças de 5 a 11 anos vacinadas
*Parâmetro total de DF: 3.022.546
Fonte: Secretaria de Saúde

sendo que 103 estão ocupadas, sete vagas, cinco em liberdade e seis bloqueadas. A taxa de ocupação de leitos adultos está em 95,5%, e os pediátricos em 100%. Na rede particular, o número total de leitos é de 148, sendo que 123 estão ocupados e 25 pediátricos em 100%.

O governador Brazão Buarque pediu o pedido de permissão para a abertura de novos leitos de UTI, o que foi aprovado pelo Conselho de Saúde do DF. O governador também pediu a abertura de novos leitos de UTI, o que foi aprovado pelo Conselho de Saúde do DF.

Letos de UTI

De acordo com os dados da Secretaria de Saúde, a rede pública disponibiliza 121 leitos de UTI para o atendimento à população.

Atualmente, há 103 leitos ocupados, sete vagas, cinco em liberdade e seis bloqueadas. A taxa de ocupação de leitos adultos está em 95,5%, e os pediátricos em 100%. Na rede particular, o número total de leitos é de 148, sendo que 123 estão ocupados e 25 pediátricos em 100%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Cidades **Página:** 12 e 14